

A MEMÓRIA DAS MEMÓRIAS DE CANUDOS: A PESQUISA E A OBRA DE JOSÉ CALASANS

Edwin Reesink¹

¹ Depto. de Antropologia e
PPCIS da UFBA, pesquisador
CNPq

I - INTRODUÇÃO

"Chamava-se Antônio Vicente Mendes Maciel" (Calasans 1968: p.3). Assim é que começa um dos artigos do Professor Calasans sobre Canudos. O peregrino tornou-se uma das figuras mais controvertidas do seu tempo, como também, atraiu discussões apaixonadas nos cem anos após a sua morte. O Conselheiro e Canudos marcaram a vida de várias pessoas durante este período. Poderíamos, então, começar este artigo com "era uma vez um homem chamado José Calasans", exatamente porque, dentro dessas pessoas cujo destino cruzou-se com Canudos, está a vida do José Calasans Brandão da Silva, melhor conhecido pelo seu nome de guerra, José Calasans. Para Calasans o tema transformou-se numa paixão inesgotável, transbordante e contagiante. Paixão no melhor sentido da palavra: vontade de saber, pesquisar, escrever, falar, conversar e compartilhá-la com uma generosidade intelectual ímpar para com qualquer outra pessoa interessada em Canudos, estimulando, de todo modo, o aprofundamento deste "grande tema", "um dos maiores assuntos da historiografia brasileira" (Calasans 1995: 11). Em contrapartida, este tema lhe deve muito: "Canudos" não é mais o que já foi a partir de sua atuação permanente e duradoura. Nesses quase cinquenta anos, com sua primeira publicação maior datando de 1950, a sua influência no campo tem sido decisiva, com resultados que persistirão, tornando-se o decano dos estudos "canudenses". Dessa maneira, o que faz falta nesse campo de estudos é uma breve resenha da obra de Calasans, uma bibliografia comentada que nos permita obter uma noção das especificidades e da abrangência de sua contribuição. O meu propósito aqui é fornecer um quadro, ainda que limitado, da sua obra, levando em conta que esta se encontra muito espalhada em revistas de pouca circulação ou em

livros, exceto um, de baixa tiragem. Lamentavelmente, isso torna sua obra relativamente de difícil acesso para um público maior².

A TERRA, O HOMEM E A LUTA

José Calasans Brandão da Silva nasceu em Sergipe em 1915. Nunca esqueceu sua origem, sempre a prezou, no bom sentido (porque nunca desprezou nenhuma pessoa por sua origem), acrescentando-lhe uma certa cidadania baiana devido a sua longa residência em Salvador. Sua formação iniciou-se com o primário com professora particular, passando depois para um ginásio privado no centro de Aracaju, quando entrou em contato com o mundo pelos jornais que o seu pai comprava e, mais tarde um pouco, ao se aproximar dos intelectuais que se reuniam no centro da cidade. Ao escolher seu futuro, quis se preparar para uma carreira de professor, mas, não simpatizando com nenhum curso universitário do seu tempo, entrou na Faculdade de Direito. Na universidade, no entanto, não estudava os ilustres juristas, mas historiadores, em particular Joaquim Nabuco (do lado mais político) e Gilberto Freyre (que, aliás, posteriormente o elogiou como pesquisador, na época do seu artigo sobre Euclides e Siqueira Menezes, em Calasans 1957; v. Calasans 1994: 421). Lendo e estudando tomou gosto pela pesquisa e pela história. Neste tempo chegou a ser barrado, em certa ocasião, ao iniciar uma pesquisa no Arquivo Público, isto porque sergipano ali somente poderia entrar sob condições vigiadas, devido ao litígio dos limites entre Bahia e Sergipe! Decepcionou-se, mas superando o desespero, não se desgostou de vez da Bahia, e acabou ingressando no mundo da pesquisa com via própria e originalidade de temas. Após a formatura, retornou a Sergipe, aonde dava aulas para sua manutenção (principalmente de reforço particular).

Apesar de não gostar de concursos, fez três na sua vida. O primeiro, para a Escola Normal Ruy Barbosa, em Aracaju, quando para o segundo grau isso ainda era obrigatório e mais significativo, o que resultou numa pesquisa original sobre os

2 No Núcleo Sertão, Centro de Estudos Baianos, da Universidade Federal da Bahia, encontra-se reunido todo o material juntado pelo Prof. Calasans, doado à Universidade para que seu acervo sirva de estímulo aos estudos. Mesmo assim, em termos mais amplos, sua obra particular continua, até agosto de 1997, relativamente, de difícil acesso. Depois de escrito este trabalho, depois, também, do seminário em que foi apresentado, saiu uma coletânea de textos organizada pelo próprio autor: Cartografia de Canudos. Esta publicação melhora sensivelmente o acesso à obra, embora parte significativa ainda permaneça de acesso difícil e creio que não elimina a razão de ser da bibliografia comentada.

3 Oleone Coelho Fontes, outro apaixonado pelo tema Canudos, apresenta outra versão do início do contato que converteu Calasans (crônica em *A Tarde* de 19/04/1996). Sendo convidado para degustar os pitus do Itapicuru em Queimadas, foi recebido, com grande emoção, na estação de trem, por um velho sertanejo que insistia em confundir-lo com o general Artur Oscar. Contava que guiou o general da cidade até Canudos, narrando durante toda a semana de sua estadia as peripécias daquele tempo. Ao retorno, Calasans mergulhou no livro *Os Sertões* e a febre nunca mais o deixou. Esta versão não exclui aquela contada pelo próprio autor, afinal Sergipe e os versos foram anteriores, mas ela marcaria o começo, por volta de 1945, da verdadeira imersão.

4 O terceiro concurso se realizou no final dos anos cinquenta, para entrar definitivamente na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia⁴. Uma entrada pelo folclore e uma chegada inovadora: com ênfase nos aspectos já estabelecidos nas suas pesquisas folclóricas, tais como ouvir as testemunhas e a tradição oral, respeitando estas informações não habituais na história da época e compondo, assim, um quadro divergente da influência opressiva de *Os Sertões*. A via de entrada pelo folclore e não pelo "grande ensaio", provavelmente ensejou uma abordagem que seria,

motivos econômicos na mudança da capital de São Cristóvão para Aracaju. A história e historiografia, particularmente de Sergipe e, depois, da Bahia, serão temas permanentes na sua obra. Esta publicação seria, cinquenta anos depois, considerada, na Academia de Letras da Bahia, como marcando a sua estréia de escritor. A data foi devidamente comemorada numa homenagem no cinquentenário (v. Oliveira 1994). Trabalhou, na década de 40, em duas pesquisas norteadas por duas outras vertentes principais da sua obra: ao trabalhar para o serviço de proteção do patrimônio histórico, visitou o interior de Sergipe e as suas igrejas, pesquisando, paralelamente, o folclore poético dos versos em circulação; na outra vertente, pesquisou, na capital, sobre todo o folclore relacionado com a cachaça, momento em que um estivador lhe conferiu o epíteto "homem das glosas", tradução de folclorista que muito lhe agradou (Calasans 1994c: 423). O folclore será tema permanente e a pesquisa das igrejas prefigura o levantamento, *en loco*, de todas as obras do Conselheiro. O folclore dos versos, o cancionário de diversos tipos (o outro fio persistente na sua obra, no caso, resultante das andanças sergipanas), forneceu-lhe as primeiras evidências das imagens populares de Canudos. O maior tema de sua vida deveu-se à participação de seu estado natal nos eventos de Canudos (v. Calasans 1944), inclusive porque a história mais recente do Brasil não constava do currículo escolar do seu tempo, nada tendo sido ensinado aos alunos sobre este período³.

No fim da década, já estabelecido definitivamente em Salvador, o interesse despertado pelo "tema" Canudos ampliou-se para se tornar a preocupação dominante das pesquisas, assunto do seu segundo concurso, na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia⁴. Uma entrada pelo folclore e uma chegada inovadora: com ênfase nos aspectos já estabelecidos nas suas pesquisas folclóricas, tais como ouvir as testemunhas e a tradição oral, respeitando estas informações não habituais na história da época e compondo, assim, um quadro divergente da influência opressiva de *Os Sertões*. A via de entrada pelo folclore e não pelo "grande ensaio", provavelmente ensejou uma abordagem que seria,

atualmente, mais de cunho antropológico, com atenção, inclusive, ao que se chamaria, em outro campo, os termos nativos e de 'a visão dos vencidos'. A renovação dos estudos canudenses teve início através de entrevistas com sobreviventes, por Odorico Tavares, para a revista *Cruzeiro*, e foi nessa trilha, as informações e concepções do outro lado, muito pouco presente nas análises de até então, que Calasans abriu novas perspectivas na academia e na sociedade. Viajando sempre pelo sertão, entrevistando testemunhas diretas (que admira e admite serem seus professores a quem muito deve), coletando a tradição oral e pesquisando arquivos não explorados, inovou o "grande tema" de forma decisiva. Com essa dedicação, reuniu ao longo desses quase cinquenta anos, uma obra escrita que é passagem fundamental para todo pesquisador de Canudos. Este conjunto foi reunido na bibliografia crítica de sua autoria, por volta de 1959 (Calasans s.d.1) e, mais recentemente, pela equipe da Casa Rui Barbosa (Sampaio Neto et.al. 1986). Está na hora de merecer uma nova bibliografia comentada, que, sendo oferecida ao público, permite uma consulta para as pesquisas e uma rápida visão deste conjunto todo e da sua contribuição em material e idéias.

A bibliografia se justifica pela dispersão da obra em várias revistas, não tão difundidas, ou em livros quase todos esgotados e de baixa circulação. Na verdade, mereceriam trabalhos maiores alguns pontos: o esboço biográfico desprezioso e parcial que desenhei acima (parcialmente coberto nas entrevistas publicadas); a influência de Calasans por contato direto, sendo um grande 'contador de causo', sempre estimulando outros a pesquisar e disponível para conversas e partilha de conhecimento (o que se nota nos agradecimentos de todos os estudiosos que passaram em Salvador, v. Reesink 1996); na mesma linha, ainda, como professor, com gosto para o ofício, encaminhando alunos e proferindo grande número de palestras (esta oralidade, muito provavelmente, não está toda refletida na sua obra escrita; na província, como disse o autor uma vez no contexto da Academia de Letras, escreve-se e publica-se menos do que se devia)⁵; por fim, uma análise do conteúdo da bibliografia e das mudanças de ponto de

5 O próprio autor prometeu algumas publicações que ainda não vieram à luz. Por exemplo, ao publicar versos sobre Moreira César (em 1952), adiou para outra ocasião uma análise dos versos, mas publicações posteriores demoraram e não são tão analíticas quanto o prometido. Nos anos cinquenta, suas pesquisas sobre as fontes obscuras de Euclides da Cunha causaram certo furor nos fãs do escritor. Esperava-se uma obra com certo porte, mas que só se realizou em alguns artigos. Nesse caso, a admiração de Calasans pelo grande livro, como admitiu a Freitas Oliveira (Calasans e Oliveira 1994: 414), fazia-o hesitar, temendo contribuir para uma desmistificação.

6 Otten, um dos melhores pesquisadores de Canudos, reconhece sua dívida com Calasans e as mudanças no seu pensamento (Otten 1990: 10-11; 84). Villa, por outro lado, no seu constante afã de polemizar, escolhe, na sua conclusão, o texto de 1950 para a sua crítica do sebastianismo como explicação para Canudos, quando, na realidade, a posição de 1959, e posterior, é muito semelhante ao seu argumento (Villa 1995: 233-234). Para peculiaridades do campo dos estudos canudenses, v. Reesink 1996.

vista. Naturalmente, verifica-se uma evolução no pensamento. Por exemplo, Calasans aceitou plenamente o sebastianismo do Conselheiro na sua tese original de 1950, já que fora dado como absolutamente certo por Euclides da Cunha. Em 1959, no entanto, a revisão de Euclides, em confronto direto com a visão dos sertanejos, ao por o famoso autor no contexto sócio-cultural da sua época, alterou a apreciação das certezas anteriores. Verificou mudanças no texto transposto para o livro quando copiado do caderno de campo; conclui que o ABC era de antes da Guerra e as profecias "atribuídas" ao Conselheiro. Na verdade, tira, como conclusão, a existência mais generalizado, e anterior, de um sebastianismo no sertão, mas que, no caso, transformou-se na expectativa do retorno da monarquia recém deposta. Presença difusa, não pregação direta do Conselheiro⁶.

UM EXEMPLO DE UMA HIPÓTESE PARA BELO MONTE

Ao rever, rapidamente, a questão do Sebastianismo, não somente traçamos avanços de conhecimento e interpretação de Calasans como, de fato, poder-se-ia alcançar uma posição mais generalizada, a partir da literatura atual, a respeito da existência da crença na volta de Dom Sebastião. Mesmo assim, está claro que permanecem muitos pontos obscuros sobre este tema e outros e ele relacionados. A título de contribuir para o indiscutível avanço dos estudos sobre Canudos (por exemplo, entrevista em Meihy 1993) e de recompensar e aguçar a insaciável vontade de saber do mentor das pesquisas canudenses, chamo a atenção para uma coincidência deveras curiosa. Muito já se discutiu sobre as razões da escolha de Canudos para servir de local de sedentarização do Conselheiro. Recentemente, Calasans (Meihy 1993: 27), na entrevista já mencionada, chamou atenção para o fato da ocupação ter sido, no entender dos conselheiristas, não a tomada de uma fazenda particular, mas a ocupação de uma terra de santo. Acredito ser importante a observação, porque o Conselheiro, como se sabe, considerava-se um fiel seguidor da igreja católica e seu verdadeiro defensor, até mesmo contra o Papa se este fosse a favor da República (como no relato do Frei João de Monte Marciano

198). Mais do que isso, o Conselheiro já havia prometido a construção de uma igreja no lugar, parte do seu programa de vida construir casas consagradas a Deus. É interessante observar que Calasans (ainda em Meihy 1993: 25), refazendo o percurso do Conselheiro, tendo visitado quase todos os lugares por que passou, chega à conclusão que, até onde foi possível perceber, ele quase atingiu a meta da quantidade de igrejas que pretendia edificar (vinte e três das vinte e quatro). Ora, quem sabe se a igreja, a reconstrução da Igreja Velha e, em especial, a Igreja Nova, não inteirava a cota da meta de vida do Conselheiro?⁷

Acrescenta-se que a terra de santo de Canudos tem como padroeiro Santo Antônio. Ou seja, justo o santo de quem o próprio Conselheiro é portador do nome. Mais, não somente seria natural que uma pessoa se identificasse com o seu homônimo sagrado, mas o povo usava, como uma das modalidades de se referir ao Conselheiro, a expressão "Santo Antônio Aparecido" ou "Divino Antônio" (Calasans 1991: 25)⁸. Mesmo que o Conselheiro se apresentasse como servo de Deus e não como santo ou messias, o ápice de uma carreira de construtor de igrejas e de dedicação ao sagrado em prol da população, seria, com muita justiça, uma grande igreja na terra de Santo Antônio⁹. Ou seja, é possível que tenha havido razões íntimas, biográficas, simbólicas, outras, portanto, além das ponderações práticas normalmente elencadas para justificar a escolha. Curiosamente, a identificação do Conselheiro com o seu santo homônimo, a sua "santidade" atribuída por muitos seguidores, complementava-se com a possibilidade de ser uma reencarnação de Cristo, como na modalidade de referência "Bom Jesus Conselheiro" (v. Calasans 1993: 17-18). A terra era do Santo, a igreja conhecida por igreja velha dedicada a este, mas a igreja a ser contruída, conhecida como Igreja Nova (maior e forte), dedicada ao Bom Jesus (Calasans 1993d: 18)¹⁰.

Podemos levar essa conjectura um pouco mais adiante, levantando a pergunta, raramente feita, da mudança do nome para Belo Monte. Em primeiro lugar, para

7 Em publicação anterior, Calasans (1973c) reuniu todos os dados a respeito e chegou a um total de 20 construções (entre igrejas e cemitérios). Ele afirma que tudo indica que a igreja de Santo Antônio estava quase pronta quando se fixou em Canudos. De fato, terminar e assistir à benção da igreja foi, com certeza, um dos motivos de ir e ficar lá. Para a Igreja Nova, o autor propõe que a razão de sua construção, talvez, fosse a multidão de gente que veio a migrar para o lugar. Creio que isto pode ter sido estímulo adicional para uma igreja maior, mas, por outro lado, a presença de muita gente pode ter reforçado outros motivos. Ou seja, a própria presença do maior número de pessoas permitiu antever a possibilidade da maior construção de sua vida, ponto culminante.

8 Discutiu-se se o Antônio do nome de Antônio Maciel advém do nome do padroeiro (Nertan Macedo) ou se poderia ter sido por herança do nome do avô paterno (possibilidade lembrada por Calasans; 1991: 25). Seja lá a qual for a razão, a identificação com o santo e com o lugar de origem permanece e costumam ser fortes indicadores para a identidade social das pessoas no Brasil e naquele tempo. É curioso, ainda, que os pais, na época do nascimento do filho, moravam, com casa e loja, na Rua Santo Antônio! (Calasans 1991: 26). Tudo converge, então, para uma forte influência do Santo.

9 Já vimos a importância do Santo Antônio e vale acrescentar que Quixeramobim também tem como padroeiro Santo Antônio. Assim, o Conselheiro iniciou a vida na terra deste santo e terminou a sua vida numa outra terra do mesmo santo. Saiu de uma comunidade sertaneja normal, para sedentarizar-se, no final de sua carreira, de novo sob a égide do mesmo santo. Talvez, tivesse desejado fechar o seu ciclo de vida (e sua vida errante intermediária) num patamar mais alto de que participou quando criança e jovem-adulto: uma comunidade normal sertaneja, mas sob o signo da salvação.

10 Não deixa de ser simbólico, diga-se de passagem, que o conflito estorou em torno da demora de madeira encomendada para esta igreja. Afinal, esta igreja era, durante este tempo, o centro de todo esforço social e econômico, em razão de ser a religião o fulcro de toda prática sociocultural. Ela era o próprio símbolo que mais evidentemente expressava materialmente o regime religioso implantado. Não foi à toa ou apenas por ser a maior "casa-fortaleza" (Calasans 1993d: 18) que a artilharia se concentrou na sua destruição, nem que a resistência dos sertanejos também se focalizou nela.

instaurar uma nova ordem, uma comunidade em "regime de salvação", dedicada aos preceitos da vida ditados pela religião (Reesink 1997), torna-se necessário renomear o local, contaminado pela sua condição anterior. Calasans (1987: 47), num artigo sobre o crescimento de Canudos, aponta para a existência de uma má fama dos moradores da região na segunda metade do século passado. De qualquer modo, uma nova ordem social precisa de um novo nome, mais apropriado ao advento de uma modalidade de vida regrada pela religião. Por esta razão, impunha-se a renomeação do lugar para um nome que marcasse o novo regime de vida, realmente "rebatizar" (p.ex. Calasans 1995: 11). Se este fato é pouco lembrado na literatura, a escolha do nome é menos ainda. Calasans (1982: 3), todavia, com sua atenção a todos os detalhes de Canudos, antecipou uma possível influência para a mudança do nome. Num artigo sobre Monte Santo, considera que não seria coincidência haver o precedente do Frei Apolônio de Todi, outro com cheiro de santidade conferido pelos sertanejos, quando mudou o nome da Serra de Piquaraça para Monte Santo. De fato, trata-se de um religioso que modificou o nome para santificar o lugar anteriormente profano: um modelo a seguir e um outro "Monte". Além disso, a renomeação torna, quase que literalmente, por assim dizer, o nome mais "belo". Destaca-se nessa operação simbólica uma dimensão estética raramente percebida e concedida para o Conselheiro.

Calasans, em outro artigo (1987), inicia-o apontando para a presença de dois lugares chamados de Canudos no interior baiano. Realmente, existem outros lugares com este nome, um dos quais nos leva a uma especulação bem interessante. Depois de sair da vida normal que tentava levar até certo momento de sua vida, não se sabe bem por onde andou o Conselheiro até que surgiu em Sergipe e Bahia. Sabe-se que passou no Crato, no Cariri do Ceará, e que, depois, percorreu o sertão de Pernambuco (segundo testemunha em Euclides da Cunha). Ora, neste caminho, do Ceará para o sertão pernambucano, já neste último, há uma Serra dos Canudos, com povoados que ostentam o mesmo nome: em São

José, na fronteira com Ceará e Paraíba, à leste-nordeste da sede do município. A sede mudou de nome nos anos 40 do século passado, passando de Maniçobal para Belmonte, ganhando o atual nome de São José de Belmonte nos anos 90 do mesmo século, com a emancipação do município. A mudança do nome para Belmonte se deveu ao Frei que inaugurou a Capela, construída há pouco e que recebeu uma doação de patrimônio (Carvalho 1993: 15). Ou seja, o ato do Conselheiro repetiu um gesto com várias antecedentes eclesiásticas, e mais, neste caso, uma renomeação para Belmonte, com uma capela nova e patrimônio associado a um lugar em que o sítio vizinho se chama Canudos. Portanto, mais do que somente uma semelhança de "Monte" pelo Frei Apolônio, uma identificação de um "Belo Monte" na vizinhança imediata de um Canudos pernambucano na área imediatamente adjacente ao Ceará.

Por outro lado, a hipótese de Calasans leva uma vantagem, pois são sabidas as relações do Conselheiro com Monte Santo. Em contrapartida, o período inicial da vida errante do Conselheiro nos permanece quase desconhecido; resta, então, aventurar a hipótese de que o Antônio Vicente Maciel conheceu a cidade de Belmonte na sua andança pelo sertão de Pernambuco, ao descer do Cariri para Serra Talhada, e soube da mudança de nome. Quando se fixou em Canudos, a associação entre o sítio do Canudos pernambucano e sua Serra com Belmonte, pode ter acionado um exemplo de renomeação que o levou a denominar o Canudos baiano de Belo Monte. Possibilidade sem comprovação, naturalmente. Mais curioso ainda, é o município do movimento sebastianista da Pedra Bonita, atualmente conhecido na região por Pedra do Reino. A Serra deste evento (Serra do Catolé) se localiza imediatamente ao norte da Serra dos Canudos, ao nordeste da sede São José do Belmonte. Calasans citou este movimento como uma das provas da extensão difusa de um sebastianismo no sertão. Uma referência explícita na exposição organizada pela Fundação "Memorial da Pedra do Reino" (na cidade de São José do Belmonte) confirma que a crença no encantamento do Dom Sebastião perdurou depois da repressão ao movimento: cita que quando "o

11 Em 1973, Calasans já fazia a conexão das profecias atribuídas ao Conselheiro, sem provas, com as correram o sertão bem antes, do Frei Vital. Na realidade, a profecia apocalíptica advem do Frei Vital, do final do século XVIII, como se observa muito bem nos versos publicados ainda recorrentes no ano de 1969 no interior de Ceará (Hoornaert 1997: 119-120). Nesse artigo, Calasans (1974: 476) ainda afirmou que o Conselheiro, pela sua palavra oracular, confirmou as mesmas, apesar de que, no parágrafo anterior, nega que se possa afirmar o envolvimento pessoal do Conselheiro na difusão da crença na volta do Dom Sebastião. Repare-se a reavaliação do sebastianismo e certa dúvida a respeito do seu peso no pensamento do Conselheiro e, mesmo que se sabe da presença difusa na população, o peso da crença no pensamento popular.

12 O iniciador do movimento, após ser persuadido por um religioso de desistir do mesmo, se mudou para o Ceará. Fim do movimento, foi descoberto seu paradeiro e a polícia ainda foi buscá-lo ali (sendo morto no caminho). Para verificar a proximidade da Serra dos Canudos e a Pedra do Reino, veja-se o mapa do município de São José do Belmonte: IBGE, 1960, Enciclopédia dos Municípios Vol. V.

13 Há uma relação possível de um movimento com outro, de participantes de uma mesma família terem participado na Pedra de reino e em Canudos. Primeiro, não é fora de cogitação que o velho "caboclo"

mar for sertão e o sertão virar mar", então terá chegado o momento de o Rei tomar aquilo que lhe pertence. Nesse tempo, o Rei Sebastião voltará a viver entre os homens com todo o seu séquito. Prova cabal da continuidade do sebastianismo no sertão, possivelmente conhecido pelo Maciel que viria a ser Conselheiro¹¹. Tal hipótese, mesmo muito conjuntural, sustentar-se-ia na primeira idéia de Calasans (1950: 38), que o menino deve ter ouvido falar da Pedra Bonita na sua meninice. Como sertanejo e possível passante na região, é muito plausível¹². Tudo indica que a famosa profecia tenha sua origem neste substrato geral sertanejo, presente, pelo menos, para uma parte da população, sendo conhecida, provavelmente, pelo Conselheiro, mas não endossada pelo mesmo (porque ausentes dos seus manuscritos), que mantinha uma religiosidade católica bastante ortodoxa¹³.

II - BIBLIOGRAFIA COMENTADA DE JOSÉ CALASANS SOBRE CANUDOS

A bibliografia que segue cobre as obras maiores e mais importantes do Calasans, porém, ela não é exaustiva. Algumas referências não foram localizadas no tempo da preparação deste artigo, nem mesmo no Núcleo Sertão. Mais do que isso, há uma produção em jornais que a pasta de recortes no Núcleo não tem ou ainda não está disponível. Sabe-se disso porque somente os mais antigos estão presentes, faltando toda produção mais tardia. Desse modo, não há menção aos artigos que deram origem à coletânea das quase-biografias de jagunços, todos anteriormente publicados em jornal. Devem estar faltando mais entrevistas para os jornais, exclusivas ou em que o Calasans participa com algumas observações. Há, ainda, a sua participação em vídeos, tal como no conhecido documentário de Antônio Olavo, Paixão e Guerra no Sertão de Canudos (1993). Apesar das limitações, creio que valha a pena dar o quadro que segue. Aliás, diga-se de passagem, uma seleção criteriosa mereceria escolher os artigos e entrevistas mais importantes para uma coletânea.

Calasans, José

s.d.1 *No tempo de Antonio Conselheiro*. Salvador: UFBA e Livraria Progresso Editora. pp. 121.

Esta é uma coletânea de artigos, reunidos com o subtítulo de "Figuras e fatos da Campanha de Canudos". Dois dos artigos são datados no texto, em 1958 (publicado em 1959) e 1959 (outro é sabidamente de 1952 e um quarto também foi publicado antes, em 1957; o que permite atribuir uma data aproximada de 1960 para a coletânea e considerá-la como reunindo seus trabalhos da década de 50. Desse modo, encontramos os trabalhos significativos da primeira fase do estudioso, representativo de sua fixação no tema e seu modo de analisar o fenômeno de Canudos.

O primeiro artigo se denomina "As mulheres de "Os Sertões" (pp.7-23; escrito em 1959). Trata-se de um ponto dentro do que o autor chama de "campo específico das nossas pesquisas". Ou seja, como estudioso de Canudos, o livro se incluiu no seu campo de estudo de Canudos, chegando a Euclides da Cunha pelo tema do livro e não o inverso. Aqui revê a posição do Euclides frente às mulheres a partir de Os Sertões, para argumentar contra certa generalização de que o mesmo era absolutamente incapaz de "ver e admirar as mulheres" em seu livro e na sua vida.

"Euclides da Cunha e Siqueira de Menezes (considerações em torno de uma revelação do embaixador Gilberto Amado)" (1957; pp.27-43), discute as referências de Gilberto Amado às afirmações de Siqueira que nunca conheceu Euclides, que este nunca esteve em Canudos e criou a figura de militar como "jagunço alourado" somente na sua imaginação literária. Levando em conta o contexto dessas afirmações e todo tipo de outras provas, Calasans demonstra o contrário destas afirmações.

"O sebastianismo no folclore de Canudos"(1959; pp.47-55) foi apresentado em

fosse da região e descendente de índio. Na Pedra do Reino temos indícios de descendentes de índios, o iniciador era "mameluco" e até hoje "caboclos" descendentes de índios moram na Serra. Mais interessante, no entanto, é a referência a um **combatente em Canudos** que voltou ao sul do Ceará (área de influência sobre São José de Belmonte), de nome Pedro Pilé (Calasans 1993a: 50). Ora, a participação de João Pilé na Pedra do Reino é famoso, pulou com dois netos, de uma grande altura, para se sacrificar, mas ele sobreviveu enquanto os netos morreram. O filho, José Pilé, foi o vaqueiro que contou o acontecido para seu patrão (a partir daí se organizou a repressão; Carvalho 1995: 21-22). O sobrenome Pilé não é muito difundido e ligado à região, o que faz pensar numa tênua possibilidade de que um membro desta mesma família participou em Canudos.

colóquio internacional e trata de introduzir o assunto de Canudos, encerrando com a lembrança de que após o desfecho existe todo tipo de produção de comentário sobre os eventos circulando entre o povo, para discutir o lugar do sebastianismo em Canudos. Ao examinar cuidadosamente os versos publicados por Euclides da Cunha e as diferenças com os registros no seu caderno de campo (ainda inédito naquele momento), chega à conclusão de que se comprova a presença do sebastianismo na população sertaneja, tendo o cuidado de especificar que uma das profecias publicadas é 'atribuída' ao Conselheiro e que o ABC deve ter sido escrito antes da Guerra. Depois de citar versos pertinentes de J.Sara, conclui que havia uma tradição de sebastianismo nos sertões (lembra Pedra Bonita). Esta tomou feição nova na Republica, representando a esperança da restauração monárquica. Vale destacar o uso crítico de Euclides, apontando mudanças feitas pelo autor ao transpor versos do caderno ao livro e ressaltando que este "atribui" a profecia ao Conselheiro.

"A Guerra de Canudos na poesia popular"(pp. 59-82) é idêntica ao artigo do mesmo título de 1952, republicado pelo Centro de Estudos Bahianos em 1989.

"Subsídios para a bibliografia da Campanha de Canudos"(pp.85-111) consiste de uma bibliografia comentada de todas as 111 publicações que continham alguma referência a Canudos. Além da utilidade de reunir as indicações bibliográficas, o grande mérito da bibliografia é a breve apreciação do tipo de informação e seu valor de estudo para o assunto. Durante muito tempo se constituiu ponto referencial obrigatório para qualquer pesquisador e permanece sendo valoroso na atualidade como quadro geral das publicações existentes até 1960.

Por fim, "Notas para um vocabulário de Canudos"(pp.115-121), é um dicionário de termos empregados na época em Canudos, pelos dois lados do conflito. De fato, em jargão atual antropológico, trata-se de uma lista de termos nativos e suas explicações, fundamental, portanto, para pensar certos aspectos do significado da

Guerra para os participantes. Neste sentido, a modéstia do autor, que espera ter "alguma coisa aproveitável", revela, mais uma vez, algo do seu caráter pessoal e prova de sua intuição de que escutar os envolvidos diretos é uma via rica de reinterpretação de Canudos.

ib.

s.d.2 *Antônio Conselheiro e a escravidão*. Salvador: Artes Gráficas. pp. 5.

Euclides da Cunha não menciona nem escravo, nem escravidão, no livro *Os Sertões*. Gilberto Freyre reparou a ausência e aventou a possibilidade de escravos terem participado em Canudos. Como "autêntico líder", condutor de homens e "chefe carismático", tinha posições sociais e políticos; de fato, Manuel Benício atesta, por exemplo, a equiparação da República à preparação da volta do cativo. Notícias de jornais e cartas do barão de Geremoabo, ou dirigidas a ele, revelam a antiga preocupação do "bondoso peregrino" contra a escravidão e a boa recepção de sua pregação por parte dos escravos e a presença destes em Canudos. No seu manuscrito, o "místico cearense" atribui a Deus a abolição, elogiando a Princesa Isabel que cumpriu esta ordem divina de libertação, apesar do aviso que implicava na ameaça da república.

ib.

1944 "Subsídios para o Cancioneiro Histórico de Sergipe". *Revista Aracaju*, vol. 2, n.º. 2. pp. 45-62.

Não tive condições de consultar, mas trata do cancionário histórico como poesia popular política, eventos do qual faz parte Canudos. [ref. em bibliografia em Sampaio Neto et.al.: p. 303].

ib. [Silva, J. Calasans Brandão da]

1950 *O ciclo folclórico de Bom Jesus Conselheiro*. Salvador: Tipografia Beneditina. pp. 101.

Segundo o próprio autor, na bibliografia comentada (s.d.1), contém versos e estórias sobre Antônio Conselheiro e a luta e uma bibliografia apropriada. De fato, informações acuradas, mas modestas. Na verdade, o livro representa o primeiro esforço acadêmico depois de Euclides da Cunha em retomar Canudos e abrir espaço para contribuições vindo diretamente da memória e imaginação popular. Desse modo, além de retomada e simples acréscimo de dados novos, representa esforço para uma revisão de Canudos. Ou seja, uma releitura sob novos ângulos, já detectando a influência restringedora de Euclides, chamando atenção para as outras fontes, inclusive, inéditas e de tradição popular (o folclore), para constituir o "ciclo folclórico" a que se refere o título. E, inaugurando seu próprio estilo com estes elementos, já faz apelo para mais pesquisas na busca dos fatos. O quadro de interpretação ainda é fortemente marcado por Euclides: mística, messianismo da raça, sebastianismo, sem deixar de analisar os fatos, no entanto, coligidos de outras fontes, com indícios de uma interpretação mais sutil. Assim, ainda aceitando o sebastianismo de Euclides, já aponta para uma reinterpretação do sebastianismo pelo Conselheiro, já mais ligado ao ideal da restauração da monarquia. Note-se que a volta do Rei seria a própria "salvação", enquanto várias idéias e práticas sempre serão relacionadas, pelo autor, à salvação, muitas outras idéias serão reformuladas sob o impacto dos depoimentos dos conselheiristas que vão contrapor uma visão muito diferente do Conselheiro e de Canudos.

ib.

1952 *A guerra de Canudos na poesia popular*. Salvador: Centro de Estudos Bahianos.

Partindo do princípio que cantar ajuda a lutar e que Canudos entrou como tema na criação popular posterior, pretende-se contribuir para documentar material registrado por outros pesquisadores e, particularmente, o que recolheu da "tradição oral". Nota-se a preocupação de não prejudicar os conselheiristas e de registrar as expressões culturais sertanejas, empregando até um termo que só se popularizou, em termos mais técnicos, nos últimos anos (embora já encontrado

em Os Sertões). Propõe a constituição de um "cancioneiro histórico de Canudos". Prometeu, num "outro ensejo", interpretar o corpus.

ib.

1954 "Romanceiro político nacional". em *Arquivos da Universidade Federal da Bahia Faculdade de Filosofia*, vol. III - 1954. pp. 113-119.

Com sua preocupação voltada para "folclore" e o "romanceiro", este artigo examina a crítica política e social nestas produções. Neste caso, como a preocupação é nacional, Canudos somente entra com pequena referência às estrófes transcritos por Euclides da Cunha.

ib.

1957a "Euclides da Cunha e Siqueira de Menezes (Considerações em torno de uma revelação do embaixador Gilberto Amado)". *Arquivos da Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia*, vol. V - 1956. pp. 49-58.

Uma consulta rápida parece confirmar que a informação que é igual ao artigo do mesmo nome publicado depois, 1957b, devendo ser republicado em s.d.1, é procedente [ref. em bibliografia em Sampaio Neto et.al.: p. 299].

ib.

1957b *Euclides da Cunha e Siqueira de Menezes*. Aracaju: Movimento Cultural de Sergipe. pp. 26.

Referência na bibliografia em Calasans s.d.1, devendo ser o artigo republicado no mesmo livro que a contém na bibliografia. Pelo que pude averiguar, parece certo a observação que seja igual ao artigo do mesmo nome publicado antes, 1957a. [ref. em bibliografia em Sampaio Neto et.al.: p. 299]. Esta publicação, no entanto, acresce duas páginas com opiniões elogiosas sobre o autor, aparentemente composta pela entidade editora (Câmara Cascudo, Pedro Calmon, Gilberto Freyre, entre outros).

ib.

1958 "Contribuição ao estudo da campanha de Canudos". em *Revista Brasiliense* n° 17. pp. 176-190.

"Bibliografia crítica". Serviu de base para ser republicado, acrescidas de umas poucas referências, no livro sem data (Calasans s.d.1).

ib.

1959a *O sebastianismo no folclore de Canudos*. Salvador: S.A. Artes Gráficas.

Pequena publicação independente da comunicação apresentada ao Colóquio em Portugal, comentado aqui em Calasans s.d.1, aonde parece ter sido republicada na íntegra.

ib.

1959b "A guerra de Canudos no cancionero popular do Brasil". em Colóquio de estudos etnográficos Dr. José Leite Vasconcelos. Imprensa Portuguesa: Porto.

Não foi possível consultar. Referência em Hoornaert 1997 (p.140; embora com data de 1949, quando o evento se deu em 1958, daí que a datação de 1959 é provisória). Deve ser a comunicação original republicado em s.d.1, sob o título "o sebastianismo no folclore de Canudos".

ib.

1961 "Subsídios para a bibliografia da Campanha de Canudos". em *Arquivos da Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia*, vol. VI - 1957 e 1958. pp. 153-170.

A mesma bibliografia já encontrada antes, o que explica sua publicação aqui pode ser o atraso na publicação das atividades da Faculdade, tratando-se dos anos 1957 e 1958. Aqui ainda são 105 referências.

ib.

1962 "Coronel Moreira César". em *Jornal da Bahia* (09/11). p. 1.

Breve exposição sobre o Moreira César e os versos populares a seu respeito.

ib.

1963a "Epitáfio de Jagunço". em *Jornal da Bahia* (27/01). p. 1.

Discute o termo "jagunço", origem e aplicação aos seguidores do Conselheiro. Cita, em particular, Pedrão e fala de João Abade.

ib.

1963b "Notícias do Antônio Conselheiro". em *Jornal da Bahia* (17/02). p. 1.

Elenca os nomes do Conselheiro, junta testemunhas sobre sua aparência, costumes e influência. Retomado mais amplamente no artigo do mesmo título, 1968.

ib.

1963c "As memórias do Dr. Albertazzi". em *Jornal da Bahia* (12/03). p. 1.

Relata, com grande alegria, a descoberta do manuscrito de um médico que participou na campanha de Canudos em que conta fatos e detalhes inéditos. Por exemplo, ele documenta o ataque de índios de Mirandela e Rodelas, com arco e flecha. Transcreve um patuá de proteção contra bala de um jagunço morto (És de Belzebut, eu sou do Conselheiro").

ib.

1963d "Livros e idéias de Antônio Conselheiro". em *Jornal da Bahia* (14/04). p. 1.

Dá como certo a influência dos livros "Missão Abreviada" e "Horas Marianas", levantando testemunhas sobre os possíveis livros na mão do Conselheiro. Menciona o manuscrito deixado e que não havia sido publicado ainda.

ib.

1963e "'Caras de pau"'. em *Jornal da Bahia* (30/04). p. 1.

A expressão "cara de pau", segundo uma testemunha, era o que o Conselheiro utilizava para se referir à mulher adúltera. Prática totalmente condenada pelo mesmo, contrária às normas rígidas de conduta. O autor aproveita para discutir o que se sabe das relações com a mãe (morta quando menino), a madrasta (queixa-se de maus tratos) e a esposa (que lhe foi infiel) e seu relacionamento posterior com as mulheres.

ib.

1966a "Euclides da Cunha nos Jornais da Bahia". em *jornal A Tarde* (10/02). p. 1.

Breve notícias das menções a Euclides durante sua passagem na Bahia. Retomada, mais amplamente, em artigo do mesmo nome, 1969.

ib.

1966b "A Guerra de Canudos". em *Revista Brasileira de Folclore*, n°.14, jan.-abril. pp. 53-63.

Artigo que trata de um cordel sobre Canudos localizado numa biblioteca na Bahia, sem menção de autor, ano e local de publicação, descobrindo estes dados que faltaram. O mesmo cordel integra a coletânea de 1984, na qual é discutido o autor e sua produção reproduzida.

ib.

1968a *Notícias de Antônio Conselheiro*. Salvador: Centro de Estudos Baianos. pp.12.

Começa por elencar os nomes da trajetória de vida do Conselheiro e passa a lembrar outros "conselheiros" da mesma época (um dos quais ajudou a edificar a igreja de Cumbe, atual Euclides da Cunha; informação testemunhal de Manuel

Ciriaco, conselheirista). Como no caso da informação anterior, as duas páginas seguidas contêm informações de testemunhas ou da tradição oral para corrigir o seu perfil: feições semelhantes à imagem de Jesus, o respeito ao "meu Pai" que negava ser Deus, o estudo do latim na infância e seu uso nas prédicas, o modelo de Ibiapina, o crescimento do seu domínio das multidões como profeta durante sua vida e sua reputação de só aconselhar o bem. Seguem-se várias notícias publicadas em jornais do ano de 1876, na época em que foi preso e mandado para o Ceará. Nas notas aparecem observações importantes sobre fontes e mais interpretações: como desobedeceu a ordem de não pregar, como levava imagens de Jesus e Nossa Senhora que eram beijadas pelo povo, e, como foi sua primeira chegada em Itapicuru, logo sendo envolvido em conflitos que adquiriram conotação política local e lhe rendeu um problema com o delegado mas, em contrapartida, a amizade do padre, adversário do primeiro.

ib.

1968b "Antônio Conselheiro e os "Treze de Maio"". Cadernos Brasileiros, n.º. 47.

Não tive condições de consultar, mas é dado como muito semelhante ao artigo publicado antes, s.d.2. [ref. em bibliografia em Sampaio Neto et.al.: p. 297].

ib.

1969a "Euclides da Cunha nos Jornais da Bahia". em *Revista de Cultura da Bahia*, no.4, julho-dezembro. pp.47-50.

Traz um quadro das referências ao Euclides nos jornais baianos, na época de suas passagens indo e vindo do interior do estado. São respeitosas e elogiosas.

ib.

1969b *ABC de Canudos*. Salvador: Comissão Baiana de Folclore. pp. 18.

Não tive condições de consultar, mas trata de três "ABCs" sobre Canudos, um dos quais incompleto, recitado por um informante sertanejo. [ref. em bibliografia em

Sampaio Neto et.al.: p. 296].

ib.

1970 *Folclore geo-histórico da Bahia e seu recôncavo*. Salvador: UFBA. pp. 91.

Reúne material folclórico, de diferentes épocas, sobre a cidade da Bahia e o recôncavo, incluindo alguns "ciclos folclóricos. Somente uma vez conseguiu um verso que liga esta região a Canudos (p.45, já publicado anteriormente).

ib.

1971 "Algumas fontes de Os Sertões". em *Revista de Cultura da Bahia*, N°. 6. pp. 37-44.

Euclides da Cunha conhecia o combatente Siqueira de Menezes na campanha de Canudos e, conversando com ele, obteve informações para o seu livro. No livro recebe, inclusive, altos elogios. Calasans demonstra como as cartas publicadas, sob pseudônimo, pelo combatente, serviram de roteiro para Euclides no seu "grande ensaio", sem que isto seja claramente indicado no seu texto.

ib. [Silva, J. Calasans Brandão da]

1972a "Moreira César na poesia popular". *Universitas*, 12-13. pp.39-47.

Outra contribuição para discutir a "poesia popular", a qual também se caracteriza como "ciclo folclórico de Canudos". Desta vez se ocupa de documentar - com referências publicadas, com algum testemunho direto, e material de suas pesquisas "durante muitos anos" - tudo que diz respeito ao Moreira César. Muito material existe, particularmente, para a concepção popular, pela discrepância entre a prepotência arrogante associado ao Mal e a morte repentina quase que sacrificial. "Jamais um fim de vida foi tão satirizado" e uma morte "tão festejada". O texto situa a sua carreira, o contexto político nacional e os seus últimos dias.

ib.

1972b "O jaguncinho de E. da Cunha". em *Revista de Cultura da Bahia*, no. 7,

janeiro-dezembro. pp. 75-77.

As crianças jagunças, no curso da Guerra cruel, eram as únicas que ainda despertavam algum sentimento mais nobre. Muitos combatentes e civis foram contemplados com a guarda de alguma criança presa, tal como Euclides. Aqui discute-se o caso e publica-se carta de Euclides para seu ex-protégido, que foi adotado e se tornou professor primário em São Paulo.

ib.

1972c "O "Matricídio" de Antônio Conselheiro". em *Revista Brasileira de Cultura*, vol. 4, n.º. 14. pp. 39-47.

Trata de reunir testemunhas e documentos sobre a prisão do Conselheiro sob a alegação de que teria cometido um crime no Ceará. Cita jornais e cartas para documentar a chegada do Conselheiro na Bahia, invocando o testemunho de Honório Vila Nova para delimitar sua carreira de beato para conselheiro entre 1871-1874. A tradição oral fornece dados preciosos sobre a primeira visita do Conselheiro a Itapicuru: ressaltam como, querendo ou não, imediatamente se inseriu no contexto político local, contra o delegado e, por oposição a este, iniciando uma longa cooperação com o padre Agripino Borges, redundando em diligência policial pedida pela autoridade local desrespeitado (O Conselheiro se evadiu para Sergipe). Depois de comentar o eventual encontro do Sílvio Romero com o peregrino, demonstra como as informações que pregava em permanente missão, contra o luxo e o pecado, coincidiam com as do Barão de Jeremoabo. Pesquisa nos arquivos eclesiásticos e policiais evidencia a continuidade de conflitos com autoridades. Muitas vezes, ou o padre ou o delegado o combatia, sendo que, quando adversários, aquele que não combatia estabelecia, às vezes, uma aliança com o Conselheiro. Aconteceram incidentes mal explicados. A lenda de que matou a mãe serviu de pretexto para prendê-lo, mas a real razão foram as desavenças com parte do clero e as intranquilidades que causava. Por fim, a

documentação demonstra a prisão e o desmentido do crime no Ceará.

ib.

1973a "O jaguncinho de E. da Cunha". em *Revista do Clube Militar*, vol. 48. pp. 44-45.

Não tive condições de consultar, mas é dado como igual ao artigo do mesmo nome publicado antes, 1972b. [ref. em bibliografia em Sampaio Neto et.al.: p. 300].

ib.

1973b "Algumas fontes de Os Sertões". em *Revista Inst. Est. Brasileiro*, n.º. 14. pp. 91-125.

Não tive condições de consultar, mas é dado como igual ao artigo do mesmo nome publicado antes, 1971. [ref. em bibliografia em Sampaio Neto et.al.: p. 296].

ib. [Silva, J. Calasans Brandão da]

1973c "Antônio Conselheiro, Construtor de Igrejas e Cemitérios". *Revista Brasileira de Cultura*, n.º. 16. pp. 69-81.

Reúne todos os dados sobre as construções que o autor coletou na literatura, testemunhas e tradição oral. Apresenta listagem das igrejas e cemitérios construídos e restaurados pelo Conselheiro durante sua peregrinação.

ib. [Silva, J. Calasans Brandão da]

1974 "Canudos: Origem e Desenvolvimento de um Arraial Messiânico". em *Anais do sétimo Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*, vol.1. São Paulo: ANPUH. pp. 461-481.

Após mencionar dois lugares com o nome de Canudos no século passado, um destes se projetou ao nível nacional pela fixação de Antônio Conselheiro. Recolheu dados sobre as fazendas e moradores do local (documentos de posse,

testemunhas e tradição oral), sendo um pequeno povoado com atividades desde a cana na beira do rio à criação de bode e algum gado. Um lugar com muitas estradas, mas longe da lei, com uma capela e algumas casas maiores. O Conselheiro prometera voltar para construir igreja maior e o fez, em 1893-1894. O centro cresceu, numa praça com casas de comércio e as duas igrejas (uma parece pronta em 1893, outra cujo material é estopim da Guerra), enquanto crescem os bairros ao redor (sabe-se de algumas ruas como tendo nomes significativos, "dos negros", "dos caboclos" (índios), as várias categorias sociais atraídos pelo "lenitivo" que o Conselheiro oferecia. Pouca gente era do lugar; muitos vieram com o líder, muitos mais vieram até 1896 e então renovou-se o movimento para acorrer em defesa de Canudos. Organizavam-se levantando casinhas, achavam atividades econômicas para empregar seu trabalho, sendo que "o povo da Companhia", espécie de elite, era mantido por esforço do Conselheiro cuja vida era protegida (embora parece que a Companhia era mais abrangente, de beatos, e a "Guarda católica" mais restrita e mais armada). Sustentava seu povo com doações e esmolas, angariadas também nas redondezas, por pessoas de sua confiança. Algumas pessoas destacavam-se: João Abade, Antônio Vila Nova, dupla poderosa. Todos os chegantes ganhavam um chão de casa, que viria a ser sua propriedade, nesta terra de santo (da capela; não havia propriedade comunal absoluto). Os "dias de conselhos", pregando o Conselheiro, eram previamente marcados, sendo que não há indícios de seu envolvimento pessoal na crença difundida no sertão do sebastianismo. O povo via o peregrino como milagroso, não obstante o próprio sempre se manteve simples servo de Deus; assim, sua palavra poderia confirmar as profecias do Frei Vital da volta do "Príncipe".

ib.

1977 "O Diário de Notícias e a campanha de Canudos". em *Universitas* n°. 18. pp. 89-96.

Por ocasião do centenário do jornal, o autor rememora os seus contatos, de infância à juventude adulta em Aracaju com os jornais; e este jornal em particular,

inclusive, a grande influência que tivera e os debates que suscitavam nos seus círculos de "gente culta". Sempre continuou leitor, mesmo quando os artigos mais importantes dos jornais (de fundo, polêmicas) declinaram. Durante este tempo usou o jornal como fonte para uma coluna em outro jornal: "Sociedade da Vovó", sob pseudônimo Sílvio Brandão, no Jornal da Bahia. Enfatiza, por fim, a grande relevância do jornal para o estudo de Canudos, em especial pelo seu correspondente em Monte Santo, que enviava informações preciosas e únicas a respeito da "cidadela de salvação" situada num País "contaminado". Destaca que na chegada em Canudos se fazia preparações para a defesa de um ataque que acabou sendo adiado e como a rotina sertaneja posterior mantinha laços de todo tipo com as circunvizinhanças, mesmo que a entrada de forasteiros em Canudos se limitasse aos que não portavam "a marca do anti-Cristo", em nome da "pureza monárquica".

ib.

1979 "Moreira César, Quem Foi Que Te Matou?" *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. 324 (?). pp. 304-311.

Não tive condições de consultar, mas trata da morte do coronel, a sua ridicularização no cancionero popular e das versões que correm sobre quem foi que deu o tiro fatal. [ref. em bibliografia em Sampaio Neto et.al.: p. 301].

ib.

1981a "A Faculdade de Direito da Bahia e a Guerra de Canudos". *em Revercor: Estudos Jurídicos em Homenagem à Faculdade de Direito da Bahia, 1891-1991*. São Paulo: Saraiva.

Discutem-se dois manifestos elaborados pelos acadêmicos da Bahia por ocasião do final da Guerra de Canudos, quando passou a liderança política da Escola de Medicina para a de Direito, mais ativos e mais representados. Nos manifestos defenderam, no primeiro, a Bahia contra o estigma de ser inteiramente monarquista e anti-republicana (mas aceitava a interpretação corrente do

Conselheiro); no segundo, condenaram os excessos bárbaros, justamente cometidos em nome da civilização em luta contra o atraso, pelas forças governistas.

ib.

1981b "Canudos não euclidiano". em *Jornal do Brasil* (21/11). p. 1.

Artigo que resume a essência do que foi publicado num artigo, bem maior, do mesmo título, em 1986b.

ib. [Silva, J. Calasans Brandão da]

1982a "Subsídios à história das capelas de Monte Santo". Salvador: Ms. pp. 12.

Retraça as origens da via sacra em Monte Santo, a fundação pelo Frei Apolônio, missionário no sertão, na segunda metade do século dezoito, renomeando a serra que, supõe ter fornecido, neste sentido, um exemplo para outro construtor ou reformador de capelas e obras pias, incluindo também, o Monte Santo, Antônio Conselheiro. Reune testemunhas sobre a passagem do Conselheiro em Monte Santo, com versões de milagrosas exudações líquidas na capela em cima do cume. Na terceira parte, depois de relatar a versão de Euclides da Cunha para este milagre, tenta reconstruir a relação dos escritos com a localidade.

ib.

1982b "Uma carreira mística". em *jornal A Tarde* (11/07). p.1.

Trata-se de um artigo sobre as relações entre as categorias "beato", "conselheiro" e "messias". A última posição alcançada somente por Antônio Conselheiro, no final da "sua brilhante carreira mística", mesmo que não sendo chamado assim durante sua vida. Sua elevação pelo povo teria sua origem em um leque de situações de mudança social, suficientemente fortes para criar "o esperado, o salvador, o messias". Referência reproduzida em Gama 1997 (p. 58).

ib.

1982c "Antônio Conselheiro em Monte Santo". em jornal A Tarde (05/09). P.1.

Reúne as referências escritas sobre a passagem do Conselheiro em Monte Santo (poucas e pequenas), especialmente a sua última visita de 1892. Esta causou impacto maior em razão de um fato excepcional que, nos olhos do povo, anunciava o derrame de sangue que viria depois. Nota o autor que o Conselheiro provavelmente se inspirou no missionário que rebatizou a serra para mudar o nome de Canudos também. Referência reproduzida em Gama 1997 (p. 57).

ib.

1984 *Canudos na literatura de cordel*. São Paulo: Ática. pp. 1-105.

Este livro reúne alguns dos mais importantes cordéis sobre Canudos, de autores, épocas e posições diferenciadas: os versos coligidos por Euclides da Cunha (seguido por versão colhida por J.Aras), enfatizando que foi a única testemunha a dar valor a esta espécie de expressão, como também incluiu fontes orais; um escrito por autor do Rio, a favor da República, no ano da luta; outro sendo o único conhecido da lavra de um soldado participante na luta; outro escrito longe da Bahia e do tempo da luta, de 1940, no Pará; e, finalmente, a obra de José Aras, sertanejo da região que incluiu muita informação oral, favorável aos conselheiristas. Calasans lembra que a revisão de Canudos como objeto de indagações sociais, políticas, culturais e econômicas, só começou a partir da década de 40. Paralelamente, a produção de cordel somente cresceu a partir dos anos 60. O material reunido permite uma interpretação das visões em jogo.

ib.

1985 "Velha Bahia de Hoje". em T.Maia e R.C.Maia, *Velha Bahia de Hoje*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura. pp. 13-18.

Apresentação de um livro de desenhos de antigas edificações na Bahia inteira, lembrando resumidamente a história baiana para chegar a ter este acervo de

monumentos históricos. Destaca a igreja de Crisópolis, localidade fundada pelo Conselheiro e cuja igreja está bem conservada.

ib.

1986a *Quase biografias de jagunços*. Salvador: Centro de Estudos Bahianos. pp. 1-109.

"Os vencidos também merecem um lugar na História". Assim começa esta galeria de retratos de participantes, compilado em especial dos relatos orais de trinta anos de pesquisa, que pretende ser uma homenagem, por intermédio dos nomeados, à memória de todos os milhares de sertanejos que seguiram o Conselheiro. Divide este conjunto em alguns grupos: beatos; combatentes; negociantes e proprietários; outras figuras de Belo Monte; gente das redondezas. De fato, uma referência única para conhecer os sertanejos participantes, suas peculiaridades e particularidades, ouvindo, muitas vezes, suas vozes e opiniões. Vários artigos são reproduzidos em Gama 1997.

ib.

1986b "Euclides não-euclidiano". em J.A. Vaz Sampaio Neto et.al., *Canudos. Subsídios para a sua reavaliação histórica*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. pp. 1-21.

Na periodização dos estudos sobre Canudos, o autor distingue os anos até a edição de Os Sertões como o Canudos "não-euclidiano", o tempo até a década de 50 da hegemonia de Euclides, a terceira fase como a revisão dos fatos e a reinterpretação pelas perspectivas históricas e sociológicas modernas. Passa em revista as fontes não-euclidianos: o jornal O Rabudo, o Arquivo da Arquidiocese, os jornais de 1876 adiante, Sílvio Romero, Durval de Aguiar, cartas e livros de testemunhas (duas a favor da seriedade e honra do Conselheiro), as lembranças de infância do cearense João Brígido, o relatório do Frei João Evangelista, quase por fim, os manuscritos do próprio "peregrino", terminando com as cartas do Barão de Jeremoabo.. A todas extrai algo fundamental para a contribuição do conhecimento e comenta sobre o contexto de sua produção e o seu valor como

documento. A datação, por exemplo, dos dois manuscritos pode ser significativa para entender a intenção de sua produção.

ib. [Silva, J. Calasans Brandão da]

1987a "Canudos: origem e desenvolvimento de um arraial messiânico". em *Revista da Academia de Letras da Bahia*, n.º 34, janeiro. pp. 47-63.

Segundo nota, igual ao trabalho apresentado em congresso em 1973 e publicado, sob o mesmo título, nos seus anais, em 1974.

ib.

1987b "Apresentação". em *Relatório apresentado pelo Revd. Frei João Evangelista de Monte Marciano ao Arcebispado da Bahia sobre Antônio Conselheiro e seu séquito no Arraial de Canudos -- 1985*. Salvador: Centro de Estudos Bahianos. pp. 5-9.

A apresentação situa o contexto geral em que se inseriu o Canudos depois de sua fundação como Belo Monte pelo Conselheiro. Nos jornais apareciam as notícias desfavoráveis contra o desrespeito às autoridades republicanas e a necessidade de dispersar as pessoas para que voltassem a trabalhar nos lugares de origem, cuja ausência causava grandes prejuízos. Em 1895, o governo pediu a colaboração da igreja para que mandasse um dos seus membros tentar dissolver pacificamente o ajuntamento religioso. A missão não obteve sucesso, mas Calasans acrescenta que a pessoa principal, o Frei Monte Marciano, não detinha as qualificações pessoais para a tarefa delicada, nem escreveu o relatório que assinou. Assim, a escrita pediu, e contribuiu para, uma intervenção do Estado. O relatório, por outro lado, apesar do seu viés até explicitamente contrário ao Canudos, trata-se de um documento único pelas suas informações gerais sobre a comunidade as quais não existem em qualquer outra fonte.

ib.

1988 "Aparecimento e prisão de um messias". em *Revista da Academia de Letras da Bahia*, no. 35, setembro. pp. 53-63.

A partir do misterioso aparecimento de Antônio dos Mares em Sergipe, noticiado

pelo Rabudo de Estância (1874), traça-se a sua trajetória até o momento de sua prisão no sertão baiano em 1876. Quando apareceu, a fé nele já era forte. "Fora dos seus conselhos não havia salvação". O jornal o caracteriza em termos físicos e doutrinários, inclusive, como Sílvio Romero na mesma época, para criticá-lo por fanatismo e perturbação da ordem. Já circulavam boatos sobre um suposto crime, repetido, bem mais tarde, pelo Barão de Jeremoabo, que criticou a permanente "missão" instituída, prejudicando a sua predominância na região por causa da 'desorganização do trabalho'. Calasans ainda oferece a tradição oral sobre a chegada do Conselheiro a Itapicuru, sua entrada no que denomina "o sertão do Conselheiro". Observe-se, aliás, como a situação política local logo determinou uma aliança entre o vigário e o Conselheiro. Relação duradoura, mas em contraste com parte do resto do clero, em documentação levantada pelo autor. As desavenças, documentadas aqui, levam ao pedido e eventual prisão do líder, quando, pela primeira vez, também surge nas páginas de jornais baianos. Sendo mandado para o Ceará e inocentado, a lenda do matricídio permaneceu; até hoje é lembrado, para certa magoa do Conselheiro. Apesar disso, Calasans termina dizendo que, "a história, vencendo a lenda, apurou a verdade".

ib.

1989 *A guerra de Canudos na poesia popular*. Salvador: Centro de Estudos Bahianos. pp. 1-15.

Republicação facsimilar do original de 1952.

ib.

1990 "O séquito de Antônio Conselheiro". em jornal *A Tarde* (06/10). pp. 2.

Artigo que constitui a primeira parte do artigo com título idêntico publicado em 1993a.

ib.

1991 "Antônio Vicente no Ceará". *Revista da Academia de Letras da Bahia*, N°. 37. pp. 25-32.

Trata do tempo de vida de Antônio Vicente Mendes Maciel no seu Estado natal e reúne os dados disponíveis. Inicia discutindo a trajetória dos seus nomes (se nomeado em homenagem ao Santo do lugar de nascimento ou ao avô paterno) em relação ao tipo de pessoas com quem interagiu. Cita os dados da família da época do nascimento (levantados em cartório) e seus padrinhos que, curiosamente, envolveram-se em crimes passionais, passando a discutir a guerra familiar em que a família Maciel se viu lutando pela honra e a vida. Retoma o que se escreveu sobre o genitor, a madrasta com problemas mentais e as dificuldades de relacionar-se com ambos. Por fim, depois da morte do pai fracassou nas atividades econômicas e no casamento, abandonando tudo para se tornar beato quando confidenciou ao Honório Vila Nova que ia construir vinte e cinco igrejas, fora do Ceará. Saiu. Um parco conjunto de dados biográficas, com várias notícias sem confirmações.

ib.

1992 "Centenário do Belo Monte". em jornal A Tarde (15/11). p. 1.

Artigo que discute a data da chegada do Conselheiro em Canudos, em junho de 1993.

ib.

1993a "O séquito de Antônio Conselheiro". *Revista da FAEEDBA*, ano II, n°. especial, janeiro/junho. pp.49-54.

Reúne as informações - das fontes escritas, testemunhas, tradição oral e material manuscrito - a respeito da composição regional (em especial cearenses e baianos; pernambucanos e sergipanos; quando possível, citados nominalmente com seu local de origem); social (pobres e mais abastados; camponeses sem e com terra, alguns com bastante terra, e comerciantes); étnica (vários grupos indígenas); racial (negros e ex-escravos, mas também mulatos e um branco louro). Demonstra, portanto, claramente as variadas posições sociais originais dos participantes de

Canudos, que não se limita a uma classe, etnia, raça, ou origem regional.

ib.

1993b "Entrevista". *em* *Revista da FAEEBA*, ano II, no. especial, janeiro/junho. pp.133-146.

Entrevista concedida pelo Prof. J.Calasans à professora Maria Palácios da FAEEBA. Começa por discutir sua trajetória de vida e sua educação formal para explicar, por exemplo, que aprendiam menos a história mais recente do Brasil do que partes da 'história geral'. Como quis ser professor desde antes do ingresso na Faculdade, fez direito e seguiu na carreira participando de três concursos. Na pesquisa sobre cancionário político em Sergipe encontrou referência ao Moreira César, viu que não havia nada sobre o folclore de Canudos e, depois de voltar a morar em Salvador, começou a ir para Canudos a partir de 1950. Depois de Odorico Tavares e suas entrevistas com sobreviventes, foi nesses encontros que iniciou uma nova fase, pós-euclidiana. Novidade importante, mesmo que prejudicado pelo fato da história oral ser relegada a, no máximo, um segundo plano, pelo registro precário e uma limitação de enfoque do entrevistador. Fala, ainda, do Núcleo Sertão e caracteriza o livro de Otten como o melhor até então.

ib.

1993c "Euclides da Cunha nos Jornais da Bahia". *Revista da Academia de Letras da Bahia*, N° 39. pp.159-162.

Ao que um cotejo parece permitir concluir, uma republicação de 1969b, com acréscimo de pequeno parágrafo final.

ib.

1993d "Introdução". *em* T.Gaudenzi, *Memorial de Canudos*. Salvador: Fundação Cult. do Estado da Bahia: Salvador.

Vê 1994b, consultado na segunda edição, porém, não foi possível consultar esta

primeira.

ib.

1993e "Odorico Tavares e a oralidade canudense". em O.Tavares, *Canudos Cinquenta Anos Depois (1947)*. Salvador: Conselho estadual de cultura, Academia de letras da Bahia e Fundação cultural do estado da Bahia. pp. 5-7.

Obra publicada por iniciativa, principalmente, do Calasans, dado sua importância para a retomada dos estudos de Canudos por outro ângulo do que o de Euclides da Cunha: a história oral dos participantes e que falava com respeito às qualidades do Conselheiro e de sua vida no arraial. Iniciou-se, nas palavras de Calasans, a fase da oralidade canudense para a revisão de Canudos.

ib.

1993f "Dois Centenários". em jornal A Tarde (05/06). p. 1.

Rememora o choque de Masseté e a chegada do Conselheiro ao Belo Monte, relacionando os fatos aos regimes políticos e à situação política desta época.

ib.

1993g "Centenário da Igreja Velha de Canudos. em jornal A Tarde (02/07). p. 1.

Neste ano farto de centenários, agora é a vez da consagração da capela reerguida pelo Conselheiro em Canudos, oportunidade em que pronunciou um discurso que sintetiza parte importante do seu pensamento.

ib.

1993- "A Faculdade de Direito da Bahia e a Guerra de Canudos". em *Revista USP*, n.º. 20. pp. 9-12.

1994a

Republicação do artigo do mesmo nome, 1981a.

ib.

1993- "O relatório de frei João Evangelista. Apresentação de José Calasans. em *Revista USP*, n.º. 20. pp. 1994b 13-14.

Republicação de 1987b.

ib.

1993- "Breve cronologia da vida de Antônio Vicente Mendes Maciel". em *Revista USP*, n.º. 20. pp. 21-23.

1994c

Resumo das datas e acontecimentos principais da vida do Conselheiro.

ib.

1993- "Sobre Antônio Conselheiro". em *Revista USP*, n.º. 20. pp. 23-27.

1994d

Coleção de citações e observações, dividida em quatro partes: opiniões de estudiosos (sobre o Conselheiro); primeira fase - formação (1830-1873) (certidões burocráticos relevantes, o seu estudo de latim e meta da vida como construtor); segunda fase - peregrinação (1873-1893) (primeiras notícias, prédicas, testemunhas e a prisão); terceira fase - Canudos (1893-1897) (fixação, crescimento e a guerra).

ib.

1994a "Um menino de Cocorobó". em jornal *A Tarde* (02/07). p. 1.

Curto artigo que acrescenta uns informes sobre o menino jagunço que Euclides da Cunha levou para São Paulo.

ib.

1994b "Introdução". em T.Gaudenzi, *Memorial de Canudos*. Brasília: Caixa Econômica Federal (2.ª ed.). pp. 17-20. [1.ª ed. 1993, Fundação Cult. do Estado da Bahia, Salvador]

Para apresentar um "grande pintor" que deu uma "magnífica visão do histórico acontecimento", Calasans resume os dados biográficos de Antônio Conselheiro: enfatizando os "traumas familiares", a sua trajetória religiosa (seus nomes de Conselheiro e de santo - separados ou conjugados), suas andanças, a atribuição pelos outros de santidade e até de ser Cristo, sua vestimenta específica (de beato), a sua semelhança com a imagem de Jesus e como os conselhos se pareciam com as missões dos frades), o seu crescimento pessoal (carismático e teatral). Para o "chão sagrado" se dirigiam várias categorias sociais, inclusive os "remediados" e "comerciantes brancos" aproveitadores não sinceros na fé, a construção das igrejas, até que fora destruído com uma "inconcebível violência" dos vencedores "contra o "gesto suicida daqueles heróicos sertanejos", numa "pavorosa chacina". [bom resumo, portanto; tradução em inglês do mesmo texto está nas páginas opostas do original; edição de livro de arte de luxo].

ib.

1994c "Agradecimento". *Revista da Academia de Letras da Bahia* n° 40. pp. 419-423.

Agradecimento ao discurso proferido por Waldir Freitas de Oliveira (1994) que rememora a trajetória literária do Prof. Calasans, desde a sua primeira publicação em 1942 até 1992 (quando da comemoração). Também lembra aspectos de sua própria amizade, a influência exercida por Calasans sobre ele e a personalidade do professor. Na resposta, Calasans lembra fatos de sua vida e obra que são importantes para começar a compor, minimamente, sua biografia.

ib.

1994d "Centenários Canudenses". em jornal A Tarde (27/12). p. 1.

Ao lembrar dois eventos da história de Canudos, convoca a academia para a realização de seminário sobre religiosidade em Canudos e exorta o repensar de toda esta problemática dos sertões no âmbito da cultura e história nacional brasileira.

ib.

1995a "Antônio Conselheiro e os escravos". em Eduardo D.B. de Menezes e João Arruda (orgs.), *Canudos, as falas e os olhares*. Fortaleza: EUFC. pp. 90-96.

Apresenta, nas linhas básicas, as mesmas informações a respeito da probabilidade da participação dos ex-escravos no movimento de Canudos e a posição abolicionista do Conselheiro que já foram discutidas em artigos anteriores.

ib.

1995b "Prefácio". em J.A.C. Barreto Bastos, *Incompreensível e Bárbaro Inimigo*. Salvador: Edufba. pp.11-13.

Nessa apresentação do livro, Calasans enfatiza que a relevância da obra que analisa os diferentes "discursos" a respeito do "grande tema", no caso de "grandes intelectuais" e "intelectuais tradicionais". Comenta os casos discutidos, alguns dos principais escritores da época, centrados nos seus valores e suas categorias. Parecem-lhe corretas conclusões, tal como uma subjacente homogeneidade detectada em todos os discursos seja "a desigualdade ontológica dos homens". Inicialmente, o prefaciador não hesita em chamar o Conselheiro de um dos maiores assuntos da historiografia brasileira, e de caracterizar a Guerra como o maior "genocídio da história nacional". Entende, ainda, que a figura do Conselheiro provocou numerosas interpretações, muito variadas e que continuam surgindo, mais do que "qualquer outro vulto da vida nacional".

ib.

1995c "Centenário da missão dos frades Capuchinhos". em jornal A Tarde (20/05). p. 1.

Depois de lembrar o noticiário francamente negativo sobre Belo Monte, conta a tentativa de interferência dos missionários, a pedido do governador, com o objetivo de, pacificamente, dissolver o reduto. O frei João de Monte Marciano não era pessoa mais indicada para a tarefa e não obteve sucesso. Seu relatório, por

outro lado, é um documento único e inestimável sobre a vida em Canudos.

ib.

1995d "O centenário do Belo Monte e algumas reflexões sobre ficção e história". em jornal A Tarde (25/11).p. 1.

Ao completar cem anos da missão dos frades para convencer a desmontar a comunidade de Canudos, trata-se da importância do relatório produzido para o conhecimento de vários aspectos da sua vida social e religioso, mesmo que com evidente viés preconceituoso.

ib.

1995e "Centenário à vista". em jornal A Tarde (25/11). p. 2.

Resenha do livro "O sertão prometido", do brasilianista R.Levine. Considera que a obra tem méritos, levantando teses gerais interessantes para a discussão; o livro peca em um número grande de pequenos erros e equívocos de todo tipo. Aponta uma série destes, lembrando que assim procede no intuito de uma colaboração e crítica construtiva.

ib.

1996a "Santo Antônio de Canudos". em jornal A Tarde (15/06). p. 1.

Artigo que foi republicado em 1996b.

ib.

1996b "Santo Antônio de Canudos". em *Revista Canudos*, ano I, no. 1. pp. 23-24.

Lembrando observação de Pedrão a respeito de comentário do Conselheiro, sobre a destruição de imagens e a morte de inocentes pelos incréus, feito ao pesquisador, este retrata a história da única imagem de santo conhecida, e agora fotografada, de

que se tem notícia de ter pertencido ao acervo canudense. (anteriormente publicado no jornal A Tarde).

ib.

1996c "Um bom depoimento". em jornal A Tarde (16/11). p. 1.

Artigo curto para enfatizar a importância do livro de Alvim Martins Horcades, previsto para ser editado em segunda edição como parte do centenário de Canudos.

ib.

1996d "Prefácio, O Coronel César". em O.Fontes, *O Trem-Terra*. Petrópolis: Vozes. pp. 11-13.

Introdução ao livro sobre Moreira César, o famoso comandante da terceira expedição, ressaltando a contribuição na reconstrução do seu itinerário e a tradição oral em torno deste personagem crucial para a Guerra.

ib.

1996e "O coronel César". em jornal A Tarde (23/11). p. 1.

Publicação da introdução do livro de Oleone Fontes no jornal (veja referência anterior).

ib.

1997a "Canudos - Notas Antigas". em *Revista Canudos*, v. 2, n. 2. pp. 9-13.

O pequeno artigo relata algumas observações de viagens e as conseqüentes entrevistas com pessoas destes lugares sobre informações da tradição oral (Cumbe, Masseté). Refere-se ao seu João Siqueira, famoso por ter conversado com muitos sobreviventes, o qual contou, por exemplo, que esperaram três dias para ver se o Conselheiro iria ressuscitar após sua morte e somente o enterraram

no santuário depois de passar este tempo.

ib.

1997b "*Cartografia de Canudos*". Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, Conselho Estadual de Cultura e EGBA. pp. 147.

Republicação de vinte e três artigos de Calasans, escolhidos pelo autor. Coletânea extremamente oportuna para facilitar o acesso à sua obra e resumir as suas mais significativas contribuições, em termos de coleta de dados e no que diz respeito às suas interpretações. Os artigos foram uniformizados para este livro. Os artigos maiores e mais importantes são agrupados no início: Canudos não-euclidiano; Antônio Vicente no Ceará; Aparecimento e prisão de um messias; O séquito de Antônio Conselheiro; Canudos - origem e desenvolvimento de um arraial messiânico; Antônio Conselheiro, construtor de igrejas e cemitérios (todos de revistas diversas); Subsídios à história das capelas de Monte Santo (que era inédito); Antônio Conselheiro e a escravidão (antes publicado pelo autor e sem data); A guerra de Canudos na poesia popular (o mais velho). Seguem-se três introduções de livros: Memorial de Canudos (do livro de T.Gaudenzi); Odorico Tavares e a oralidade canudense; O coronel César (introdução do livro de Oleone Fontes); sendo que um pequeno artigo, Um bom depoimento, publicado no jornal, seguem estes três por chamar atenção à nova edição do livro de Horcades, servindo, de fato, como introdução. Três artigos sobre Os Sertões e Euclides da Cunha constituem a parte dedicada ao autor e sua obra incontornável: As mulheres de "Os Sertões"; Euclides da Cunha e Siqueira de Menezes: Euclides da Cunha nos jornais da Bahia. Todo restante são textos de uma ou duas páginas, salvo, o texto As igrejas de Canudos (sem referência de publicação anterior, parece artigo de jornal, mas desconheço esta referência), todos originalmente publicados no jornal A Tarde: Centenário de Belo Monte; Dois centenários; Centenários canudenses; Centenário da igreja velha de Canudos; Um menino de Cocorobó; Santo Antônio de Canudos. Veja-se as referências originais.

ib.

1997c "O Bom Jesus do Sertão". em jornal A Folha de São Paulo (21/12). p.1.

Artigo escrito para o Caderno "Mais" do jornal, dedicado quase que exclusivamente ao Canudos. Retrata, em um rápido esboço, a vida do Antônio Maciel, o Conselheiro. Enfatiza a primeira fase da sua vida como Conselheiro, como de prestígio crescente e dedicado às construções religiosas, sendo seguido por categorias sociais mais ou menos subalternos. A segunda fase foi da construção de uma vida movido pela fé, sem nenhuma pretensão maior, cujo fim, ditado por interesses "políticos e patrimoniais", foi o maior equívoco da história nacional: o Conselheiro, segundo sobreviventes, "só pregava o bem, a salvação das almas".

ib.

1997d "A Guerra de Canudos na poesia popular". em B. Abdala Jr. e I. Alexandre (orgs.), *Canudos. Palavra de Deus, Sonho de Terra*. São Paulo: Ed. Senac e Boitempo. pp.149-160.

Republicação do texto de 1952.

ib.

1977e "Declaração". em B. de Jesus Mendes, *Formação cultural e oratória de Antônio Conselheiro*. Salvador: Ed. BDA-Bahia. p.9.

Na verdade brevíssima introdução ao livro, atestando a contribuição atual e futura do autor.

ib. [José Calazans]

1997f "Feira de Santana na Guerra de Canudos". em Raimundo Gama, *Recortes de Canudos*. Salvador: Ed. BDA-Bahia e Ed. da Universidade Tiradentes.

Introdução ao livro do professor de Feira de Santana. Calasans também lamenta a má conservação dos periódicos do século passado destas fontes indispensáveis e

conclama para aprofundar a participação da cidade nos eventos.

Dannemann, Fátima

1997 "Houve mesmo esse reino alvissareiro". *em* jornal A Tarde (04/10). p. 3.

Entrevista por ocasião do centenário do fim da Guerra. Lembra, rapidamente, pontos importantes da história do Conselheiro. Por exemplo, que virou profeta, vivia como um enviado de Deus, o que causou atrito com padres e que, sem chamar, a aglomeração causou o clamor das forças econômicas perdendo sua mão-de-obra. Aponta que não se imaginava a guerra, que somente se defendia a superioridade de sua vida e sua terra - "o sonho de uma vida melhor"-, e que muitos, próximos dos mais influentes no arraial, fugiram e sobreviveram, enquanto morreram os mais distantes do Conselheiro.

Meihs, J.C. Sebe Bom

1993 "Meu Empenho foi ser Tradutor do Universo Sertanejo" (Entrevista com José Calasans)". *em* *Luso-Brazilian Review*, vol. 30, N° 2. pp. 23-33.

Entrevista feita em dezembro 1989, em Salvador, com o "maior conhecedor vivo da história do sertão brasileiro" e que o entrevistador somente transcreveu a fala. Texto excelente e fundamental para o conhecimento do pensamento do entrevistado sobre Canudos por abordar, resumidamente, uma síntese de sua análise, após quarenta anos de pesquisa, do fenômeno do Conselheiro e Canudos. Começa por lembrar sua educação e interesse inicial pela pesquisa, particularmente em folclore, até se fixar na Bahia e no tema de sua vida. Conta como foi importante sua ida ao sertão, conversando com os sobreviventes e o choque dessa visão tão oposta àquela dos livros, o que o levou ao estudo mais geral do sertão e das concepções culturais dos jagunços, mais do que a Guerra em si. Passa em revista as diferenças entre os participantes, as categorias sociais envolvidas, a economia (os meios de subsistência, propriedade privada, relações com o mundo externo), as relações sociais em Canudos (não igualitárias) e os propósitos religiosos do Conselheiro (um pregador não revolucionário numa

terra de santo que se movia e atraía pela fé). O Conselheiro não pretendia salvar o mundo numa pretensão messiânica e que as circunstâncias do contexto da sociedade daqueles tempos foram fundamentais para a evolução pessoal dele tanto como o crescimento do seu grupo. Um contexto de mudanças culturais e sociais em que a sua figura congregava diversos grupos em torno de "uma mensagem de confiança e ordem". Muitos aspectos da vida do Conselheiro e da comunidade em Canudos estão ainda obscuros e vários dificilmente serão elucidados, mas a vida do pesquisador se dedicou ao "entendimento desse mundo" sertanejo.

Sá, Antônio Fernando de Araújo et.al.

1997 "Professor José Calasans Brandão da Silva". *em Cadernos UFS História*, vol.3, no.4. pp.7-10.

Entrevista com Prof. Calasans feito por historiador e estudantes da Universidade federal de Sergipe. Trata, principalmente, de sua vida e suas ligações com Sergipe.

Villa, Marco A. e J. da Costa Pinheiro (colaboração)

1998 *Calasans, um depoimento para a história*. Salvador: gráfica da UNEB.137pp.

Este livro contém a reprodução de uma série de entrevistas com o Prof. Calasans, partindo, muito justamente, do princípio de que o deão dos estudos de Canudos sempre manejou muito bem a palavra e de que a sua fala mereceria ser registrada pelo que revela dele: um grande contador de casos e um apaixonado estudioso de Canudos. Desse modo, o maior mérito do livro é legar, para as pessoas que não conheciam o mestre, uma impressão do que era sua virtuosidade com as palavras e uma noção do sabor e do estilo do seu diálogo franco e aberto, com todos aqueles que demonstravam uma vontade de discutir Canudos. Naturalmente, captar o espírito da conversa, interação pessoal tão estimada por Calasans, é tarefa impossível de se reproduzir em papel e tinta, mas o esforço é válido e necessário, apesar das limitações do meio. Em cinco capítulos, o livro passa em revista: a sua

formação e a origem do seu interesse por Canudos; os retratos de pessoas, de Euclides da Cunha e da Guerra; o arraial; o Conselheiro; e por fim, fala de algumas personagens de destaque. Em geral, as entrevistas navegam sempre entre o conhecimento do particular, o material reunido pessoalmente pelo Calasans e compulsado na literatura, e a interpretação mais global, implícita ou explicitamente dialogando com os famosos intérpretes de Canudos. Nota-se, ainda, que Calasans chega mesmo a discordar do próprio entrevistador; mas com toda a elegância característica que ele sempre demonstrou para com as outras pessoas; muitas das quais, diga-se ainda, beberam nessa fonte, sem deixar claro a importância de Calasans neste campo de estudos. Acentua-se que, enquanto fonte de dados e das interpretações feitas por Calasans, o livro é uma contribuição necessária; enquanto um documento humano que retrata o estilo do mestre, ele revela-se indispensável. Que o diálogo e o estilo, às vezes, não sejam muito sistemáticos, é algo inerente a essa interação humana. Mas, o livro guarda, hoje, o melhor testemunho da humanidade do maior protagonista dos estudos canudenses e a sua afinidade com a oralidade, tanto a sua como a dos sertanejos, pessoas estas que ele amava como sujeitos humanos em uma história apaixonante.

s.a.

1988 "Entrevista". em jornal A Tarde (20/11). p. 1.

Entrevista em que Calasans comenta sua origem, o seu encontro com Canudos pelo folclore e não por Euclides da Cunha, a necessidade que sentiu de se voltar para o que povo faz, a sua tradição oral e o que está na memória popular. A importância, então, de suas viagens e os depoimentos de sobreviventes.

s.a.

1995 "Canudos. Brazilianistas pegaram a onda de Vargas Lhosa". em jornal A Tarde (25/11). pp. 3.

Entrevista do Calasans sobre o estado atual dos estudos de Canudos, comentando as limitações de Euclides da Cunha e sua omissão de fontes e pessoas, a influência

de Vargas Lhosa, a trajetória do Conselheiro, o contexto político e a participação de ex-escravos. Ao comentar os erros de Levine, sugere que seja necessário algum brasileiro, mais impregnado da cultura do sertão e suas sutilezas, para reescrever a história de Canudos com uma maior profundidade.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

Carvalho, Ma. Amalia. São José do Belmonte, sua gente e história. São José de Belmonte: Prefeitura de Municipal de São José de Belmonte, 1993.

Hoornaert, Eduardo. Os Anjos de Canudos. Petrópolis: Vozes, 1997.

Oliveira, Waldir. **"Cinqüenta anos de vida literária de José Calasans"**. em *Revista da Academia de Letras Da Bahia*, N.º. 40, 1994.

Otten, A. Só Deus é Grande. São Paulo: Ed. Loyola. 1990.

Reesink, Edwin. **"Jerusalém de taipa ou vale de lágrimas"**. *O Olho da História*, vol. 2, n.º. 3, 1996.

ib.

"A tomada do coração da aldeia: a Guerra de Canudos e os índios de Massacará". *Cadernos do CEAS*, n.º. especial, 1997.

Villa, Marco A. Canudos. O povo da terra. São Paulo: Ática, 1995.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR DE CALASANS

Nesta bibliografia se incluem os trabalhos do Prof. Calasans que se ocuparam de temas em que não surge referência alguma a Canudos. As mesmas restrições já feitas na bibliografia principal valem para este complemento.

Calasans, José

1941 "Os franceses e a exploração da pau-brasil em Sergipe". em *Revista do Instituto*

Histórico e Geográfico de Sergipe.

Sem maiores indicações porque não tive condições de consultar a Revista. Provavelmente a primeira publicação do autor.

ib.

1942 *Aracajú (contribuição à história da capital de Sergipe)*. Aracajú: Livraria Regina. pp. 96.

Tese de concurso para Escola Normal Ruy Barbosa. Incluído, ao que tudo indica, em 1992.

ib.

1944 "Aspectos folclóricos da cachaça". em *Revista de Aracajú*, vol. I. p.1.

Sem mais indicações porque não tive condições de consultar o original.

ib.

1945 *Temas da Província*. Aracajú.

Sem maiores indicações porque não tive condições de consultar o original. Talvez incluído em 1992.

ib.

1948 *Economistas da Bahia*. Bahia: Artes Gráficas. pp.9.

Como trabalhava num departamento do SENAC, o autor foi convidado a falar na Semana do Economista, o que fez, ressaltando sua condição de externo à profissão, traçando um quadro dos estudos pioneiros de baianos no início dos estudos econômicos no Brasil.

ib.

1951a *Cachaça, Moça Branca*. Salvador: Museu do Estado.

Resultado que combina literatura e pesquisas no campo, especialmente em Sergipe e entre trabalhadores do porto que denominaram o pesquisador de "homem das glosas" (o que o agradou), na segunda parte da década de 40. Notam-se o gosto pela pesquisa no local, o respeito ao universo pesquisado, a ênfase sobre folclore e a atenção para com termos nativos e a poesia popular. Traços que caracterizarão o trabalho posterior sobre Canudos. (na bibliografia se menciona dois manuscritos do autor, "Com. à Comissão Nacional de Folclore", que suponho terem sido incorporados no livro).

ib.

1951b *Um discurso de Sílvio Romero*. Salvador: Centro de Estudos Baianos.

Um discurso sobre o prêmio para folclore proposta pelo então deputado que se tornaria o famoso folclorista.

ib.

1951c "O Ensino Público em Aracajú". em *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*.

Sem maiores indicações porque não tive condições de consultar o original. Incluído, ao que tudo indica, em 1992.

ib.

1952 *Fernão Cabral de Ataíde e a santidade de Jaguaripe*. Salvador: Artes Gráficas. pp. 57.

Levanta a documentação sobre um fenômeno dos primórdios da colonização, pouco estudado até então, os chamados santidades, movimentos religiosos indígenas reativos à situação colonial (particularmente Tupi).

ib. [Silva, J. Calasans Brandão da]

1959 "Relatório apresentado ao Departamento Nacional do Senac pelo Diretor do Departamento regional da Bahia, Professor José Calasans Brandão da Silva,

sobre o Ente Nazionale per l'addestramento lavotori del comercio". Salvador: Ms. pp. 9.

Viagem a Italia como bolsista, passando também em Portugal e Espanha, estudando aspectos de turismo.

ib.

1961 "Discurso de Paraninfo em 1958". em *Arquivos da Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia*, vol. VI - 1957 e 1958. pp. 79-84.

Neste discurso o Professor da Faculdade rememora as finalidades originais da Faculdade e a necessidade de se refazer sempre o ato e as intenção original.

ib.

196 "Saudação à Marinha". em *Revista das Ciências Humanas*, vol. I, N^o. 1. pp. 29-30.

Pronunciada na televisão, centrada em especial sobre a importância do mar e da Baía de Todos os Santos na Bahia para lembrar eventos históricos significativos com participação da Marinha.

ib.

1967 *Lulu Parola e os acontecimentos políticos de 1891*. Salvador: Centro de Estudos Baianos. pp. 13.

Sob este pseudônimo um conhecido jornalista baiano comentava, poetica e criticamente, os acontecimentos da mudança para a República.

ib.

1969a "Celso Magalhães e o folclore baiano". em *Revista de Cultura da Bahia*, no. 3, jan.-junho. pp. 31-34.

Dá notícia do primeiro autor a fornecer um quadro mais geral do folclore baiano. Não há referência Canudos.

ib.

1969b "Juarez Távora na Bahia". Salvador: Centro Estudos Baianos. pp. 8.

Estudo e documentos sobre a passagem do Juarez Távora na Bahia no ano de 1930, incluído no livro de 1980.

ib.

1970a "A primeira fase da conspiração do Norte: abril-maio, 1930". em *Universitas*, N.º. 5. pp. 41-61.

ib.

1970b "O folclore histórico no recôncavo da Bahia". em *Revista da Cultura da Bahia*, N.º. 5. pp. 43-53.

Reúne dados retomados no livro maior do mesmo ano.

Calasans, José e Zitelmann de Oliva

1970 *Discursos na academia*. Salvador: Ed. Estuário. pp. 49.

Contém discurso de Calasans de recepção do co-autor na Academia (pp. 43-49). Observa que, lamentavelmente, se escreve pouco na Bahia e se publica menos ainda, mas que isso também se deve às condições de Província. Termina por dizer que a Academia, como toda instituição na atualidade, deve se renovar e passar por sérias mudanças. "Mais do que nunca, parar é morrer".

Calasans, José [Silva, J. Calasans Brandão da]

1971 "Documentário para o estudo da revolução de 1930". em *Anais do V Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*. Campinas: s.e.. pp. 167-174.

Material retomado no livro de 1980, exceto que os Anais registram a discussão após a apresentação do trabalho na sessão do congresso.

ib.

1972 *Bahia, primeira capital do Brasil*. Salvador: Centro de Estudos Baianos. pp. 10.

Passa por alguns aspectos da história da cidade desde o seu descobrimento e fundação (No início era a Bahia").

ib.

1973 "Introdução ao estudo de historiografia sergipana". Salvador: Ms. pp. 50.

Provavelmente incorporado no livro posterior, 1992.

ib.

• "Introdução". em Alfredo do Vale Cabral, *Achegas ao estudo do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro: MEC/Funarte. pp. 150.

Livro organizado pelo Calasans, a partir de manuscritos inéditos e acrescidos por notas suas. Anotações sobre folclore do século passado.

ib. [Silva, J. Calasans Brandão da]

1980a *A revolução de 1930 na Bahia (documentos e estudos)*. Salvador: Mestrado em Ciências Sociais. pp. 92.

Contém documentos e alguns estudos publicados anteriormente, com, ao que parece, uma ampliação, sobre os eventos de 1930 (1969b, 1970).

ib.

1980b "Édison Carneiro e o folclore baiano. Salvador: UFBA-CEAO. pp. 12.

Depois de lembrar seus contatos pessoais com Édison Carneiro, homem cordial mesmo no meio de polarização política, aborda a sua obra para ressaltar a sua inserção antiga no folclore, menos conhecida e apontada do que a obra sobre o negro. Ao último tema, afinal, foi fiel a vida inteira. Ou seja, nas últimas frases do autor: "Assim seria a vida inteira. Um admirável caso de fidelidade aos temas".

ib.

1984 *A Faculdade Livre de Direito da Bahia*. Salvador: Centro de Estudos Baianos.

pp. 29.

Sobre os juristas que fundaram a faculdade e os seus primeiros professores.

ib.

1985 "Um discurso de Sílvio Romero". em *Miscelânea, ed.-facsimilar das cinco primeiras publicações do Centro de Estudos Baianos*. Salvador: Centro de Estudos Baianos. pp. 19.

Republicação de artigo do mesmo título, 1951b.

ib.

1991 *Miguel Calmon Sobrinho e sua época, 1912-1967*. Salvador: Museu Eugênio Teixeira Leal. pp. 269.

Biografia de pessoa de destaque na Bahia.

ib.

1992 *Aracajú e outros temas sergipanos*. Aracajú: FUNDESC. pp. 141.

Coletânea dos escritos anteriores a respeito da história de Sergipe (1942, 1945, 1951c, 1973)

ib.

1994 "Agradecimento". em *Revista da Academia de Letras da Bahia*, N.º. 40. pp. 419-423.

Ao agradecer o discurso de Waldir Oliveira, na Academia, Calasans rememora parte de sua vida e obra, a partir do início de sua obra, que foi considerado como sua estréia de escritor, em 1942, em Aracaju e sobre um tema histórico sergipano.